

UEPAE / SÃO CARLOS
D
SEPARATAS

No Brasil há poucos pesquisadores dedicados a estudos mais intensivos sobre a alimentação de eqüinos, razão pela qual os criadores nacionais não contam com programas suficientes para orientar a nutrição de seus animais, ao contrário do que tem ocorrido em outros países, como os europeus e principalmente os Estados Unidos.

O pesquisador Airtón Manzano, da Unidade de Execução de Pesquisa de Âmbito Estadual (UEPAE) de São Carlos, São Paulo, pertencente à Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa), informa que, diante da ausência de trabalhos mais aprofundados no Brasil, técnicos locais iniciaram há alguns anos experimentos sobre alimentação de eqüinos da raça Árabe, dispondo hoje de informações que podem levar os criadores brasileiros a soluções mais eficientes e econômicas.

Substituição — Segundo Manzano, ainda hoje é grande o número de criadores que usam aditivos exóticos e teorias baseadas no binômio aveia—alfafa. Os trabalhos iniciais desenvolvidos na

UEPAE-São Carlos visaram à substituição do arraçoamento tradicional, isto é, o fornecimento de concentrado e de volumoso três vezes ao dia (7h30, 13 h e 17 h), por uma ração completa peletizada, também fornecida em três vezes diárias, nos mesmos horários.

A ração utilizada num primeiro experimento foi constituída de 60% de feno de alfafa, 34% de milho e 6% de farelo de soja, sendo fornecida a catorze fêmeas Árabes em crescimento, com peso médio de 255 kg.

Revelaram-se, com a ração peletizada, ganhos médios diários de peso de 786 g, consumo diário médio de 5,563 kg de matéria seca e conversão alimentar média de 7,345 kg, contra 711 g, 5,275 kg e 7,740 kg, respectivamente, proporcionados pelo arraçoamento tradicional. Os resultados indicam que não houve diferença significativa entre os dois métodos de alimentação, explica Manzano, o que permite substituir totalmente a alimentação convencional pela ração completa.

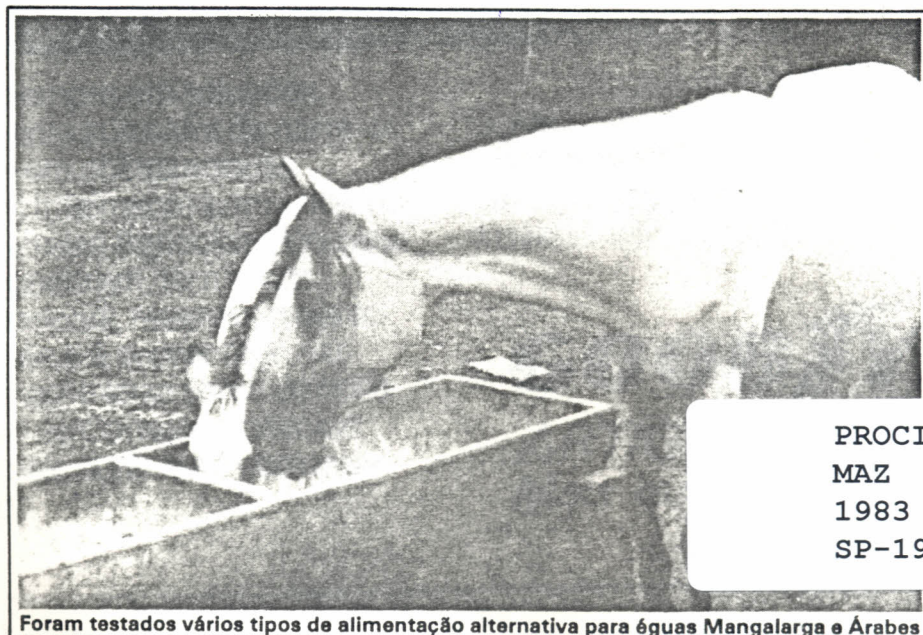
“Esta última elimina uma série de inconvenientes, como o corte diário de matéria verde, o desperdício de feno da ordem de 20%, quando fornecido nas baias, e a estocagem e fornecimento diário de feno.”

Essas vantagens, segundo o pesquisador, contribuem de forma acentuada para reduzir o custo de produção. O tipo alternativo de arraçoamento, que só deve ser adotado para animais em regime de confinamento, permite também reduzir a poeira e incorporar às rações alimentos menos palatáveis, porém de bom valor nutritivo.

Forrageira tropical — Dentro da mes-

Substituição da alimentação tradicional de eqüinos

Estudos realizados em São Carlos, São Paulo, permitiram substituir o arraçoamento convencional por outros produtos, entre os quais os capins de rhodes e napier.



PROCI-1
MAZ
1983
SP-1983

Foram testados vários tipos de alimentação alternativa para éguas Mangalarga e Árabes

ma linha de pesquisa, informa Manzano, realizou-se também um estudo visando à substituição total ou parcial do feno de alfafa por feno de uma forrageira tropical, no caso o capim de rhodes, que se presta bastante bem à fenação, além de apresentar alta produção e bom valor nutritivo.

O concentrado utilizado na ração, que correspondia a 60% da mesma, era constituído de 40% de rolão de milho e 20% de farelinho de trigo, com cerca de 20% de proteína bruta.

Na condução da experiência a UEPAE utilizou três tipos de tratamento: R 1, composto de 60% de concentrado e 40% de feno de rhodes; R 2, com 60% de concentrado, 20% de feno de rhodes e 20% de feno de alfafa; e R 3, com 60% de concentrado mais 40% de feno de alfafa.

Empregaram-se 24 éguas, sendo metade da raça Árabe e metade da Mangalarga, com idade média de vinte meses e peso aproximado de 276 kg. Os resultados obtidos foram os seguintes: R 1 — consumo médio diário por animal, 8,976 kg e ganho de peso diário médio por animal, 446 g; R 2 — 9,032 kg e 509 g, respectivamente; e R 3 — 8,329 kg e 659 g.

Manzano argumenta que, embora os dados de ganho de peso mostrem superioridade estatística do R 3 sobre os outros dois tratamentos, os resultados obtidos com estes últimos são superiores aos recomendados por tabelas americanas para animais com dezoito meses de idade e peso adulto entre 400 e 500 kg. “Considerando-se também a estimativa econômica, o tratamento R 1 (custo relativo de 50,79% em relação ao custo do R 3) revela-se como a melhor forma de alimentar os eqüinos.”

Napier — O técnico da UEPAE acrescenta que, com igual objetivo, ou seja, diminuir os custos de arraçãoamento, com a mesma eficiência, se realizou um trabalho baseado na substituição do feno de rhodes pelo capim-elefante, variedade napier, fornecido na forma de verde picado, como único volumoso na alimentação de fêmeas em crescimento, Árabes e mestiças Árabes, em número de dezesseis, com idade média de quinze meses e 257 kg de peso no início da experiência.

Empregaram-se dois tratamentos comparativos: 60% de concentrado (o mesmo utilizado nos estudos anteriores, com 20% de proteína bruta) e 40% de na-

pier; e 60% do concentrado mais 40% de feno de rhodes. A relação entre o napier picado e o feno era de três por um, dada a composição de matéria seca deste último.

Os animais que receberam o verde picado apresentaram consumo médio diário individual de 6,525 kg e ganho médio diário de peso por cabeça de 469 g; no outro tratamento as éguas tiveram consumo de 6,987 kg e ganho de 453 g. Manzano analisa esses resultados mostrando a diferença significativa de ganho de peso em favor da dieta de napier, que proporcionou maior desenvolvimento dos animais, com mais economia (custo relativo de 67,92% em relação ao custo do tratamento com feno de rhodes).

Conforme outra informação do pesquisador, os resultados dessas pesquisas vêm sendo adotados nos últimos anos na criação de eqüinos da UEPAE, que mantém plantel de cerca de 140 animais, entre puros e mestiços Árabes. “Esses sistemas de alimentação refletem-se nos custos e no desempenho dos eqüinos, atuando também sobre a produtividade, pois a unidade atingiu há tempos um índice de natalidade aproximado de 80%.